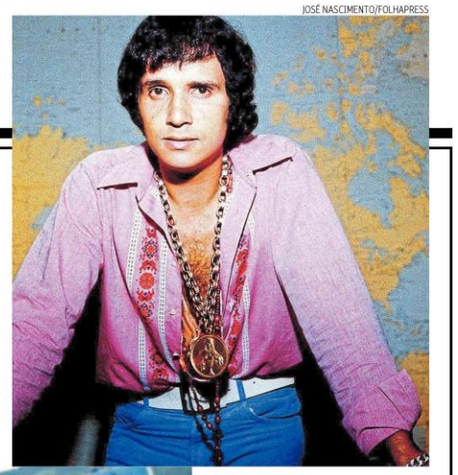
Magazine

TEL: (31) 2101-3956 Editora: Marília Mendonça
marilia.mendonca@otempo.com.br e-mail: magazine@otempo.com.br twitter: http://twitter.com/OTEMPOmagazine Atendimento ao assinante: 2101-3838

JOSÉ NASCIMENTO/FOLHAPRESS

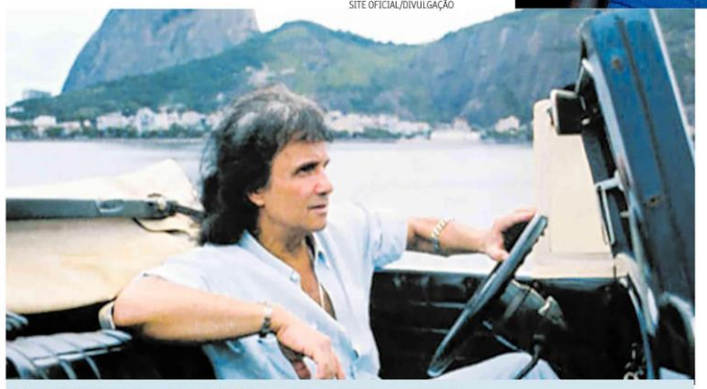


Roberto Carlos, 80 anos

Que rei é ele?

Genial ou ultrapassado? Excepcional ou repetitivo? Elogiado ou não pela crítica, uma coisa é certa: cantor nunca perdeu a majestade

SITE OFICIAL/DIVULGAÇÃO



Roberto Carlos em três fases de sua carreira: no alto, nos anos 60, época da Jovem Guarda; acima, na década de 90; e, ao lado, nos anos 2010; em 60 anos de carreira, artista viveu idas e vindas, ora elogiosas, ora canceladoras, com a crítica

REPRODUÇÃO INSTAGRAM @ROBERTOCARLOSOFICIAL

■ BRUNO MATEUS

Hoje, Roberto Carlos completa 80 anos. Esse capixaba de Cachoeiro do Itapemirim, filho de integrantes da classe operária – a mãe costureira e o pai relojoeiro –, está há mais de meio século no imaginário coletivo do povo brasileiro. Desde que explodiu com o fenômeno pop da Jovem Guarda, ele é personagem indelével de nossa cultura. Goste-se de suas músicas ou não, Roberto nunca saiu dos holofotes. Neste aniversário, como é esperado em efemérides que carregam essa importância, o cantor e compositor é celebrado em homenagens e é tema de três livros (*leia mais na página 19*). Cada uma à sua maneira, as publicações jogam luz sobre a obra do compositor, que é, no fim das contas, o que importa e o que sustenta essa figura que, como nenhuma outra, consegue estar em lugares tão distintos como no espaçoso apartamento do rico e na casa de um só cômodo do pobre; na igreja e no estádio de futebol; nas procissões e no botequim; e ganhar, com a mesma presença e influência, o coração de artistas dos mais diferentes estilos e regiões. Roberto Carlos habita todas as contradições e paradoxos que há neste país desigual.

Paradoxais também são os títulos que o compositor recebeu dos críticos em diferentes momentos: de "repetitivo", "debiloide", "ultrapassado" e "insignificante" a "rei", "cantor excepcional", "decifrador do inconsciente coletivo" e "grande compositor". Essa bipolaridade chamou a atenção do pesquisador Tito Guedes, autor de "Querem Acabar Comigo: Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical", que traça esse retrato da obra do cantor a partir da perspectiva de como jornalistas especializados olharam para a carreira do artista.

As idas e vindas, ora elogiosas, ora canceladoras – para usar um termo atual – dessa relação, segundo Guedes, revelam também a complexidade de Roberto como um artista que ocupa um lugar muito particular na cultura brasileira: "Por mais que ele estivesse sendo detonado em algum momento, ele estava sempre sendo falado. Roberto Carlos nunca viveu um período de ostracismo, nunca deixou de ser comentado, mesmo sendo odiado por muitos críticos. Ele nunca deixou de ter relevância e é ouvido pela elite e pelo cara mais pobre".

COMPLEXO. O jornalista e escritor Paulo Cesar de Araújo, autor do novíssimo "Roberto Carlos Outra Vez", volta ao cantor com o qual protagonizou disputas judiciais por conta da proibição da biografia "Roberto Carlos em Detalhes", de 2006. Araújo diz que responder quem é esse personagem é uma tarefa que não se esgota facilmente e esse questionamento ganha várias respostas por conta da complexidade do homem e do artista, dono de uma rica trajetória. Religião, bossa nova, rock, música romântica e popular, alienação, estética, cultura de massa… Tudo isso envolve Roberto Carlos. "É muita coisa, daí as várias interpretações possíveis, todas legítimas, válidas", comenta Araújo. "Ele é um ser complexo, fundamentalmente um menino do interior, um homem suburbano que veio do Brasil profundo, discípulo de João Gilberto, mas que também buscou referências de comportamento e ídolos nos Estados Unidos. A obra dele é resultado disso", acrescenta.

Para o jornalista Jotabê Medeiros, que lança hoje "Roberto Carlos: Por Isso Essa Voz Tamanha", é fundamental entender seu biografado não só como o primeiro fenômeno de massa da juventude brasileira, mas como um fenômeno pop da música brasileira da periferia. Esse diálogo com o popular acabou fazendo com que a crítica, com seu parâmetro classe média do que é bom gosto, olhasse para Roberto, cada vez mais identificado com o proletariado a partir dos anos 80, com preconceito e certo desdém. "Eu acho que o Roberto viveu primeiro que todo mundo o cerco dos 'haters'", pondera.

Medeiros diz que, para escrever o livro, ignorou certos estigmas que cercam a figura de Roberto Carlos, que chega aos 80 anos necessário, influente e relevante. Se a música tem um aspecto espiritual de elevação, diz Medeiros, Roberto Carlos canta com a rara consciência da importância das palavras. "Ele canta como se fosse a última vez que cantasse uma canção. O Roberto sabe a importância de transmitir esse sentimento, ele acredita em tudo que ele canta, e isso é um legado inestimável", diz.

> "Eu acho que o Roberto viveu primeiro que todo mundo o cerco dos 'haters'."
>
> **Jotabê Medeiros,** crítico musical

Samuel Rosa

"A obra dele será sempre relevante"

Em 1994, o Skank gravou "É Proibido Fumar", de Roberto e Erasmo, no disco "Calango". Em 2001, quando Roberto gravou o "Acústico MTV", lá estava Samuel Rosa batendo as cordas de seu violão enquanto o cantor interpretava a canção. "É uma música obrigatória em qualquer set list do Skank", resume o guitarrista. Para ele, Roberto Carlos conseguiu, como ninguém, aliar apelo musical de extrema popularidade e relevância.

"Essas coisas nem sempre andam juntas. Roberto conseguiu esse resultado inédito na música brasileira, e isso só faz perpetuar a imagem, a obra e o nome dele". O vocalista do Skank observa que o Rei colocou ingredientes da música romântica latina, da Jovem Guarda, do rock e do pop cantado em português e da soul music em um caldeirão naturalmente assimilado pelas massas. Em sua obra, não há nada complicado: "Ele conseguiu fazer uma síntese simples, mas não fácil de fazer. O simples não é fácil". Ao falar sobre o aniversariante, Samuel faz questão de ressaltar que, aos 80 anos, Roberto Carlos e sua obra seguem dialogando com diferentes gerações e influenciando artistas de diversos estilos. "Ele continua importante, até hoje ele faz o Brasil cantar e é uma referência, um norte para o Skank e para a música pop de massa, a música cantada por multidões", finaliza.

Roberto Carlos, 80 anos

Publicações jogam luz sobre obra do compositor e enaltecem a figura do cancionista talentoso e batalhador

Trajetória é tema de três livros

FOTOS REPRODUÇÃO INSTAGRAM @ROBERTOCARLOSOFICIAL

Roberto Carlos e sua fiel plateia: obra superlativa

■ BRUNO MATEUS

Embora tenha construído uma carreira extremamente bem-sucedida no Brasil e no exterior, não raras vezes Roberto Carlos é mirado mais pelos olhares curiosos de quem procura alguma polêmica do homem de terno azul que sofre de Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) do que pelo justo reconhecimento de uma obra fundamental da música popular brasileira. Este é o foco de "Roberto Carlos Outra Vez", do jornalista e escritor Paulo Cesar de Araújo, que também voltou ao personagem para encerrar uma história mal resolvida.

"Roberto Carlos em Detalhes", de 2006, foi alvo de disputa nos tribunais, e, após acordo judicial, a editora Planeta não publicou novas edições. Algumas dezenas de exemplares circulam na internet a preços que variam de R$ 200 a mais de R$ 1.000. Em 2014, Araújo publicou "O Réu e o Rei" sobre a polêmica. Agora, "Roberto Carlos Outra Vez" fecha uma espécie de trilogia sobre o artista.

Em dois volumes – a pré-venda do primeiro começa ainda neste mês –, Araújo elenca cem canções, 50 em cada um deles, e as entrelaça com histórias da vida de Roberto Carlos. A atenção, o autor sublinha, está no cancionista. "Em cada capítulo explico como ele fez determinada música, quem foram os parceiros. Entrevistei produtores, técnicos de som, falo o que acontece em torno da canção. Nesse sentido, é um livro mais amplo (que os anteriores). É preciso enfatizar a obra superlativa do Roberto. Ele já criou um patrimônio cultural, neste momento alguém está ouvindo Roberto Carlos", afirma.

O segundo volume do livro está previsto para ser lançado no fim do ano. Paulo Cesar de Araújo diz que só foi possível falar de Roberto a partir de suas músicas pelo caráter autobiográfico da obra do artista. "Abro o livro com 'Divã'. Essa música é de 1972, mas ele fala de acontecimentos da infância, fala da tia. A obra dele é um prato cheio para fazer o que eu fiz", ele comenta.

NO SUBÚRBIO CARIOCA. Jotabê Medeiros publicou exitosas e recentes biografias recentes sobre Belchior e Raul Seixas. Hoje, ele lança "Roberto Carlos: Por Isso Essa Voz Tamanha". Medeiros foi a Cachoeiro de Itapemirim e ao Rio de Janeiro, cidade que formou Roberto musicalmente, e ouviu personagens que considerava pouco valorizados, como o tecladista Lafayette, que faleceu em 31 de março e foi parceiro insubstituível nos anos 60, e autores de hits de Roberto Carlos, como Luiz Ayrão, Getúlio Côrtes e Eduardo Araújo.

> "Ele criou um patrimônio cultural. Neste momento alguém está ouvindo Roberto Carlos."

O livro percorre a fase de Roberto no subúrbio carioca, no bairro Lins de Vasconcelos, a relação dele com a Turma do Matoso – de onde saíram Erasmo Carlos, Tim Maia, Jorge Ben –, os meses de fracasso cantando bossa nova na boate Plaza, no Rio, e os frequentes "nãos" que ouvia de executivos de gravadoras. Tudo isso antes da Jovem Guarda, quando ele começa a fazer sucesso de abrangência nacional. "Todos esses elementos explicam Roberto Carlos", comenta Medeiros. A figura de Erasmo Carlos é decisiva e central na vida do parceiro, e o livro mostra isso: "Não teria tido nada se não fosse o Erasmo".

Para o jornalista, a história do Roberto Carlos é muitas vezes mal explicada. "Por Isso Essa Voz Tamanha" busca aclarar detalhes de como o compositor conseguiu ocupar o trono da música brasileira. Nada foi por acaso. "Como ele chegou a ser essa expressão? Foi do nada? Não, ele trabalhou muito. No livro eu explico esses percursos. Com talento, colaborações, inspiração de outros criadores e muito trabalho ele se torna o que se tornou nos anos 60", diz.

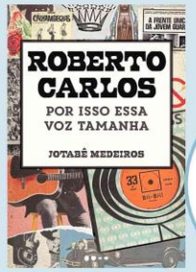
O pesquisador Tito Guedes recorreu ao título de uma das centenas de canções do cantor para dar nome ao seu "Querem Acabar Comigo: Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical", lançado no início do mês. Nesse caso, a trajetória de Roberto é vista pelo olhar – ora elogioso, ora desdenhoso – da crítica musical. Guedes recorre a trechos de resenhas de Sérgio Cabral, Augusto de Campos, Fausto Wolff, José Miguel Wisnik e Tárik de Souza, entre outros. "A crítica musical no Brasil sempre esteve ao lado e dando destaque para Caetano, Tom Jobim e Chico Buarque. Por outro lado, essa mesma crítica olhava com desprezo para artistas como Reginaldo Rossi. O Roberto Carlos ficou no meio desse caminho.

Cada capítulo é dedicado a uma década, e o livro mostra como o discurso em relação à produção fonográfica de Roberto Carlos oscilou. "Nos anos 70 ele vive um momento mais tranquilo com a crítica, que vê nele qualidades e evolução no repertório. Já nos anos 80 e 90, quando vende muitos discos, ele é muito criticado", conta Tito Guedes, que é redator do Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB).

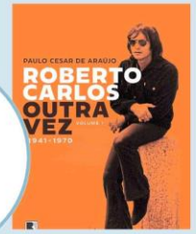
Roberto e seu parceiro Erasmo Carlos: figura decisiva e central na vida do Rei

Estante

"Querem Acabar Comigo: Da Jovem Guarda ao Trono, a Trajetória de Roberto Carlos na Visão da Crítica Musical", de Tito Guedes. Ed. Máquina de Livros, 144 págs., R$ 42 (impresso) e R$ 28,90 (e-book)



"Roberto Carlos: Por Isso Essa Voz Tamanha", de Jotabê Medeiros. Ed. Todavia, 512 págs., R$ 84,90 (impresso) e R$ 49,90 (e-book). Lançamento hoje.



"Roberto Carlos Outra Vez", de Paulo Cesar de Araújo. Ed. Record, preço a definir. Pré-venda em abril e entrega em julho e agosto